

JUSTIÇA E

NOVEMBRO/DEZEMBRO - 1984

NÃO-VIOLÊNCIA

ANO 3 Nº 31

A LUTA CONTINUA !



*Contra o Desemprego, a Fome,
a Violência e o Desespero.*

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO, O QUE É

PE. PAULO MARIA TONUCCI

Num momento oportuno em que rádios, jornais e televisão falam da Teologia da Libertação, Pe. Tonucci oferece um livrinho em estilo popular, tentando definir o que é Teologia da Libertação. Esta teologia nasceu nos grupos de cristãos que vivem e sofrem os problemas da fome, do desemprego, da opressão, da dependência. Nasceu no meio do povo simples. Não nasceu na Europa, no Vaticano mas na periferia. Somente quem conhece e entende a situação de miséria e de exploração em que vive o povo latino-americano, é capaz de entender a Teologia da Libertação. Os ricos, os poderosos que consideram natural suas riquezas, suas posições de privilégio, em contraste com a pobreza da maioria nunca poderão entender e aceitar esta teologia. Sempre dirão que é subversivo, do mesmo jeito que Jesus foi tachado de subversivo pelos poderosos de seu tempo.

JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA

ÓRGÃO DO SERVIÇO NACIONAL JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA

Av. Ipiranga, 1267-1º andar e 1273 - 01039-SP - Fone: 229-7448

SECRETARIA EXECUTIVA DO SERVIÇO PAZ E JUSTIÇA NA AMÉRICA LATINA

R. México, 119 - s/2009 - Cx. Postal 2321 - 20017-RJ-Fone: 242-2522

GRUPO SUL

- Cx. Postal 14 - Facticeol - 93.000 - São Leopoldo - RS
- Cx. Postal 79 - 94.800 - Alvorada - RS
- R. 15 de Novembro, 607 - c/62 - 96.100-Pelotas - RS

MINAS GERAIS

R. Silva Jardim, 389 - Floresta - 30.000 - Belo Horizonte - MG

NORDESTE

- Av. Getúlio Vargas, 3.453 - 45.990 - Teixeira de Freitas - BA
- Casa Paroquial - 47.220 - Campo Alegre de Lourdes - BA
- Av. Maria Pinho, 60 - 40.000 - Salvador - BA
- Caixa Postal 147 - 57.300 - Arapiraca - AL
- R. Giriquiti, 48 - 50.000 - Recife - PE
- R. Pe. Antonio Diogo Feijó, 287 - Alto do Céu - 58.000-João Pessoa - PB
- R. Pe. Madeira, 380 - 64.600 - Picos - PI
- R. Dr. João de Deus, 140 - Apto. 201 - 60.000 - Fortaleza - CE
- Cx. Postal 27 - 62.930 - Limoeiro do Norte - CE
- Centro de Treinamento - 63.900 - Quixadá - CE
- Caixa Postal 52 - 63.700 - Crateús - CE

NORTE

Caixa Postal 2.796 - Manaus - AM

METODOLOGIA DA LUTA CRISTÃ OU METODOLOGIA DA CRUZ.

A luta do Reino é a luta do servo sofredor (Is. 42 e 53) ou do Cordeiro de Deus que se sacrifica para tirar o pecado do mundo.

A esse respeito, temos um texto muito interessante de Miguel d'Escotto, padre, revolucionário e chanceler do governo nicaraguense. Ele é Ernesto Cardenal, durante anos, propuseram a alternativa não-violenta à Igreja na qual viviam. Não foram ouvidos, mas a mensagem deles ficou. Queremos transcrever aqui um trecho de uma entrevista dada por Miguel a "The Catholicworker" ("The Catholicworker", janeiro de 1979. Entrevista colhida por Tom Cornell) em dezembro de 1978, em Manágua, antes da insurreição. Essa entrevista tem como título "O poder da cruz": "Tradicionalmente na América Latina, estamos inclinados a olhar para a cruz como uma coisa lamentável que nos faz chorar, pelo menos na Quaresma e na Semana Santa, algo que gostaríamos não tivesse acontecido, em vez de olhar para a cruz como o ato mais magnífico da vida... A não-violência tem de ser considerada um elemento construtivo da pregação do Evangelho. Isto significa, a meu ver, que não estamos pregando o Evangelho de um modo adequado, se não difundimos a espiritualidade e a idéia da não-violência como meio de libertação da opressão. Isto é essencial para a evangelização, não uma devoção opcional. A cruz não é opcional, é uma coisa central. Temos de pregar a cruz e pregar a não-violência que arrisca a nossa vida pela causa da fraternidade. Quando fazemos isso,

sofremos represálias dos que oprimem os outros. Isto é a cruz. Quando suportamos esta cruz, participamos das aflições do parto do Cristo pela nova humanidade".

Temos aqui uma lógica interna, teológica, extremamente forte e coerente: se a Ressurreição faz de mim um discípulo de vida, eu não posso usar as armas mortíferas. No entanto, o mal, a injustiça, a desgraça continuam existindo. É meu dever de batizado, comprometido com o Reino, enfrentá-los. Como? Como Jesus, durante o seu processo: ficou de pé, diante de Caifás, não recuou nem abaixou os olhos. Quando recebeu um soco no rosto, perguntou: "Se falei mal, mostra-me onde está o mal; se falei bem, por que me bate?" Endureceu o rosto, enfrentou. Não utilizou as armas do opressor, nem tampouco se acovardou. Essa atitude de Jesus durante o seu processo talvez seja o paradigma da não-violência-ativa. O processo de Jesus se repete constantemente e continua no decorrer da história. Estamos em estado permanente de processo. Os pobres continuam sendo submetidos a um tribunal iníquo. A única resposta é resistir como Jesus resistiu, com o jeito dele.

É curioso constatar o poder mobilizador do sacrifício do justo, em relação às massas, por pouco que seu combate seja organizado e público. A bem dizer, o sofrimento do justo perseguido que encarna a não-violência provoca, nas consciências, um terremoto psicológico: comove os acomodados e isola os perversos.. →

Foi típica, a este respeito, a guerra da Nicarágua: essa guerra não deve seu sucesso apenas à insurreição armada. Houve aí fatores que permitiram entender a "guerra" não-violenta, se essa fosse mais sistematizada. Afinal, a gota d'água que levou Somoza e sua Guarda Nacional à derrota foi a morte de um indefeso jornalista norte-americano perante as câmeras de televisão do mundo inteiro. A opinião pública internacional, especialmente a dos Estados Unidos, ficou profundamente chocada com esse acontecimento: não suportou mais essa selvageria, de repente pública e irrefutável (sem publicidade, as armas da não-violência não funcionam). Desgostar a opinião pública norte-americana significava, a curto prazo, o corte da ajuda do principal aliado e pressões de todo tipo contra os governos decididos a ajudar Somoza. Carter não era Reagan. A administração Carter já vacilava no seu apoio ao regime Somoza e não suportou este último golpe. A morte do inocente foi uma arma não-violenta terrível contra o ditador. Houve outros fatores não-violentos: o comportamento humano no conflito, por parte da guerrilha, a recusa de vinganças após a vitória, que atraiu muito apoio popular aos revolucionários.

Não podemos esquecer também que, durante anos, a Frente Sandinista tentou, sem sucesso, levantar o povo. A deflagração final veio da morte de um outro "indefeso" arauto da libertação, o jornalista Pedro Chamorro.

Havia condições objetivas para um conflito, mas faltava um choque mais "subjetivo", que veio dos acontecimentos. Também essa revolução foi a revolta da juventude, os "muchachos", como são carinhosamente chamados os guerrilheiros. Quem

não percebe o poder que exerce o sacrifício de um jovem sobre as pessoas mais acomodadas e mesmo sobre os corações endurecidos?

A NÃO-VIOLÊNCIA NÃO SE IMPROVISA

Não temos informações e análises suficientes para avaliar essa insurreição popular, mas acreditamos que, para encaminhar uma guerra totalmente não-violenta na Nicarágua faltou uma opção clara por parte dos teólogos e dos pastores, quando ainda havia tempo para treinar sistematicamente os quadros populares e montar uma estratégia deste tipo. Isto se faz com muita antecedência. Um combate armado (violento) tem suas vantagens e desvantagens; também a mística do "não matar" leva a uma técnica de combate própria, a um treino diferente da massa e a uma formação especial dos responsáveis. Miguel d'Escotto explica, no artigo citado, que ele pregou a não-violência, por muitos anos, no deserto. Não foi ouvido. A não-violência não se improvisa. Ela é a conclusão de um longo processo histórico, explicitamente escolhido e "construído" peça por peça, durante muito tempo. A não-violência não cai de paraquedas, ela supõe uma militância árdua. Quando todo um processo histórico caminha para um confronto violento, não há depois como improvisar um desfecho não-violento. A encarnação de Jesus foi preparada durante séculos e a vinda da graça supõe condições excepcionais. Se não as prepararem com enormes sacrifícios e mediante um trabalho intenso, é normal que sobrem apenas soluções de desgraças.

Gandhi dizia: "Devo confessar que a ação da reforma pessoal ou autopurificação me está com vezes



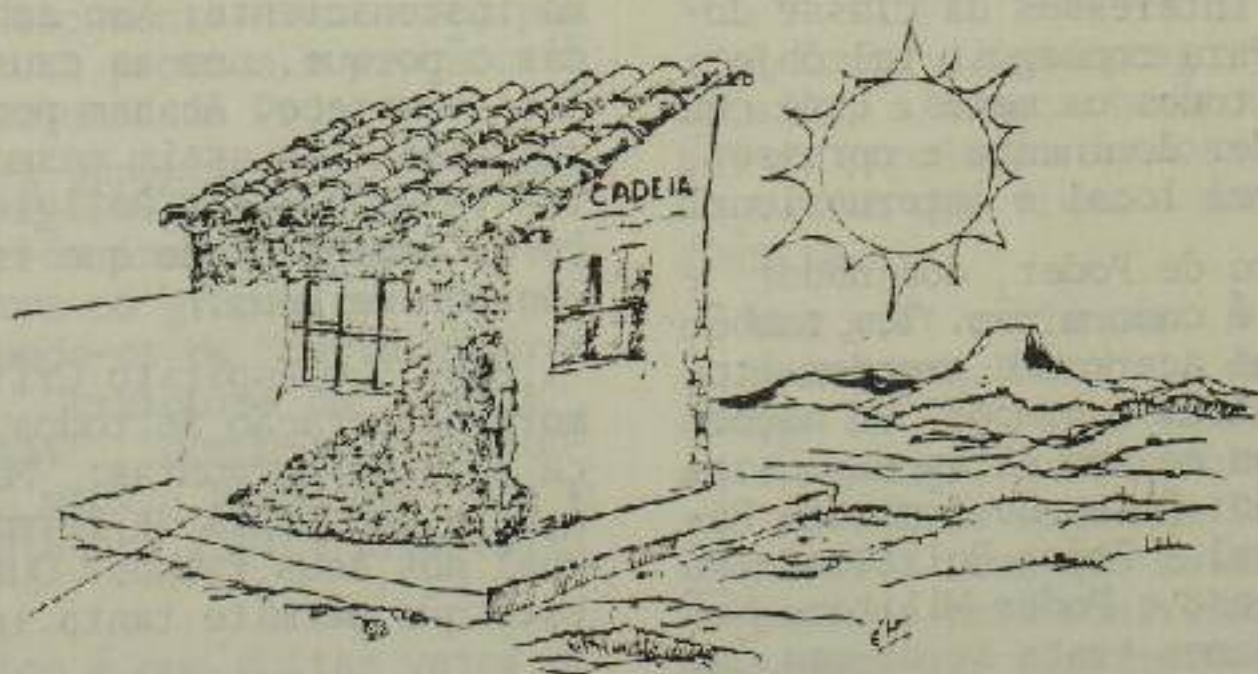
mais a peito que a chamada atividade política". Afinal, é a pureza de nossa luta, dos métodos utilizados, como dos objetivos visados, que une o povo. Essa pureza, aliada à coragem, comove os indiferentes, reúne os humildes e isola os perversos. A compaixão despertada no coração das massas é o segredo da não-violência. O método da cruz é a nossa única maneira de combater, se acreditamos na Ressurreição.

A RESSURREIÇÃO DE JESUS, PRINCÍPIO NORTEADOR

A Ressurreição, como princípio norteador, pode esclarecer muitas situações. A cadeia, por exemplo, é uma violência infligida a um elemento sem condições de convívio social. Frequentemente, essa violência vai até a morte, a morte psicológica, pelo menos, do indivíduo encarcerado. É verdade que sempre o crime e o castigo existirão numa

sociedade onde a graça não superou ainda definitivamente a desgraça. As delegacias de polícia e as casas de detenção não existem sem motivo e a Igreja as tolera, e tolera, então, uma violência. Mas é aqui, justamente, que o nosso critério pode ajudar: se a cadeia não se restringe a uma função repressiva (morte), mas se, pelo contrário é concebida em função de uma regeneração (ressurreição), neste caso novamente ela entra na dinâmica do Reino. Agora, isto não vai acontecer espontaneamente. É tão difícil entender a revolta de um trombadinha e fazer surgir a vida dentro de sua angústia mortal! O problema é social, psicológico e religioso. A solução depende de uma intensa militância, cristã ou não, em todo caso "humana", para que a cadeia deixe de ser uma violência mortífera, excluída da esfera do Reino.

Domingos Barbé



O Mundo é uma cadeia. As brechas pelas quais entra a graça de Deus são os santos e os homens de boa-vontade.

NÃO-VIOLÊNCIA

A NÃO-VIOLÊNCIA-ATIVA

E

REVOLUCIONÁRIA

A vida definitiva passa pela morte! Toda vitória supõe uma batalha! (A alegria não é oposta ao sofrimento e as alegrias mais profundas nascem de profundos sofrimentos).

A vida das plantas vem das extremidades: das raízes e das folhas. Também no corpo social encontramos mais palpação e desejo de vida. Sempre nas periferias que nascem as ondas revolucionárias. Cabe aos setores intermediários a histórica responsabilidade, de não trair os inícios do processo revolucionário. Devem ao contrário dar sua colaboração para que chegue ao final da caminhada sem perda de identidade.

A VIOLENCIA OPRESSORA DO SISTEMA.

O sistema opressor coloca toda sua confiança num centro de Poder. Este poder deve conquistar e preservar os interesses da classe dominante. Para conseguir tal objetivo usa de todos os meios. Este centro do Poder dominante e opressor, tem um nível local e internacional.

O centro de Poder, dominador e opressor, é como a mão. Tem também 5 dedos que agarram e prendem todas as pessoas e grupos, ou nações que estejam ao seu alcance. Estes 5 dedos são: Poder Econômico - Poder Cultural - Poder Político - Poder Religioso e Poder Militar. Não nos esqueçamos trata-se de uma única mão. Esta mesma mão que domina pode também servir e ajudar.

Aqui está um dos principais objetivos da revolução não-violenta: mudar radicalmente o sentido do Poder.

Quando estudamos a história das colonizações vemos com clareza a ação deste poder central, com seus diversos componentes, dominando e eliminando os indígenas. A massificação da mídia em nossos dias é como um rolo compressor sobre as culturas nativas mais fracas. Os modelos políticos são impostos aos países da periferia do poder. E os países centrais tornam-se sempre mais ricos às custas da pobreza e miséria crescente no 3º mundo e quando entram dentro da vida dos povos dominados impõem seu "way of life". Quando necessário usam o Poder Militar para sufocarem os movimentos de base.

A VIOLENCIA REVOLUCIONÁRIA CONTRA O PODER.

A maioria dos oprimidos carrega o pesado fardo da dominação de forma inconsciente. Não sabe explicar o porque, nem as causas de que lhes acontece. Acabam pensando que as coisas são assim mesmo. E muitas vezes o Poder Religioso convence os dominados de que isto é a vontade de Deus.

Mas... o Espírito Crítico que mora no coração de todos nós começa a fazer perguntas: "Mas que Deus é este que trata de forma tão desigual aos seus filhos? Que Deus é este que permite tanta injustiça?"

E alguns oprimidos, geralmente da classe média e de nível universitário, desacreditam deste "Deus", que abençoa as armas da dominação e começam uma violenta revolta contra os dominadores. A ira, o ódio,

um desesperado amor pelo povo e uma messiânica esperança, são sentimentos que vivem em grande confusão no íntimo dos participantes da revolução violenta.

Embora acreditemos num outro caminho, nós os respeitamos e até podemos caminhar juntos. Temos identidade própria, conforme diz Adolfo Perez Esquivel: "Caminhamos juntos, mas não misturados!" Lembramos contudo que:

1) A luta violenta é muito cara e o povo oprimido é pobre. A venda de armas é o melhor negócio da opressão.

2) A alma do oprimido sabe o que é a morte, pois convive com ela e a rejeita.

3) Teologicamente não é aceitável a tese de matar para construir o Reino da Vida. É teologicamente inaceitável ter numa das mãos o Evangelho e na outra a metralhadora, como também não dá para entender as igrejas e religiões que na mão esquerda carregam a Bíblia e com a direita abençoam exército, aeronáutica, etc.

4) Politicamente é um erro, por que esta luta provoca a reação ainda mais violenta do Poder.

A VIOLÊNCIA REPRESSIVA DO SISTEMA.

O poder dominante e opressor volta-se contra os grupos revolucionários chamando-os de "perturbadores da ordem", "traidores da pátria", "terroristas", "comunistas", "subversivos", etc... Prende-os. Tortura-os e mata-nos física e/ou moralmente.

O trágico é que muitas vezes os que praticam toda esta barbaridade dizem estar defendendo a "civilização cristã ocidental". Cristo, no Horto das Oliveiras, diz a Pedro que o quiz defender: "Guarda tua espada..."

Mas, a violência repressiva cai também sobre todos os grupos populares. O medo e a diferença tomam conta de todos.

Os órgãos de repressão estatal exigem mais dinheiro dos cofres públicos para contratar mais gente e sofisticar sua prática de espionagem e repressão.

Esta 3ª fase da espiral da violência está prevalecendo em quase todos os países da América Latina.

O medo e a desconfiança são as principais características de nossas sociedades. E o medo mata a criatividade. A pessoa que tem medo bloqueia todos os seus sentidos e chega a perder a fala. Um trágico silêncio em toda a sociedade. Os donos do poder ficam tranquilos porque agora reina a "PAZ". A paz dos cemitérios, fruto da violência do desespero.

EXPLOSÕES SOCIAIS E IMPLOSÕES SUICIDAS.

A ganância da dominação, porém, não para. Os ricos continuam cada vez mais ricos, às custas da maioria de pobres sempre mais pobres.

A fome, o desemprego, a falta de moradia, a doença tomam conta de 80% da população do nosso país, e de outros que vivem a mesma experiência.

Vem a 4ª violência. A violência do desespero. Em abril de 1982, a cidade de São Paulo viveu, durante duas semanas, a violência da explosão social da fome. Em Lima (Peru) o exército teve que matar dezenas de pessoas para controlar a onda de saques aos supermercados.

Mas também surgem ondas de implosões de violência. Muitos suicídios. No Brasil é cada vez mais frê

quente o pai matar os filhos e esposa, suicidando-se em seguida. Isto porque há longo tempo vem desempregado. A fome atinge sua família

Antigos líderes populares deixam o combate e passam a colaborar com o poder opressor. Dizem não dá! Não tem jeito! Não tem saída para o problema!

A NÃO-VIOLÊNCIA-ATIVA E REVOLUCIONÁRIA.

A tentativa de nossos caminhos é um desafio e uma esperança contra o sistema opressor e repressivo.

Acreditamos ser possível quebrar esta diabólica corrente da violência. Precisamos romper o círculo fazendo a Revolução Não-Violenta. Em nosso modo de viver, trabalhar, rezar não podemos aceitar as regras impostas pelo Sistema. Temos que romper com ele e denunciá-lo publicamente colocando frente a todas suas mentiras, injustiças e opressões. Temos que entrar em conflito individual e coletivo, com o Sistema Capitalista, no qual vivemos.

Temos que combatê-lo com armas diferentes das que ele usa. Repete-se a história de Davi e Golias. O sistema fez da fabricação de armas, seu mais rendoso negócio. A luta violenta acaba sendo uma colaboração com ele.

A organização popular, a participação de todos - não apenas de elites ativistas - é fundamental na luta não-violenta. É preciso treinar, preparar-se para a luta. Saber caminhar junto com outros sem perder a própria identidade. É preciso estar na ofensiva. A melhor defesa é o ataque ao inimigo. É preciso organizações que permitam a

participação de todos e que também permitam o sabor da vitória, ainda que pequenas.

É preciso sempre rever e avaliar o combate. À luz da fé e da razão e com muito sentimento, precisamos celebrar a vida de combate mesmo quando derrotados. A liturgia para nós é esta celebração da luta com vistas num futuro já experimentado e garantido por Cristo, que lutou, foi morto, mas ressuscitou.

Entre os "guerrilheiros da não-violência-ativa e revolucionária" devemos ir vivendo a utopia de uma nova sociedade, ainda que não 100% perfeita. Esta nova sociedade deve ser livre e libertadora. A comunhão e participação são características dela. O poder é serviço que espalha a confiança e amor por toda parte. Homem Novo. Nova Humanidade

Esta experiência de uma civilização do amor não se fecha num só país, mas procura irradiar-se para todos. Não é um exemplo, um modelo a ser copiado, mas é um estímulo para que outros países também façam a sua Revolução Não-Violenta. Nenhuma pessoa consegue sozinha fazer a caminhada revolucionária. Nenhum país também.

A vida dos mais pobres e oprimidos e a Bíblia são as duas mais importantes cartilhas nesta escola. Deus é o único mestre!

Frei José Alamiro S.Silva.

AÇÃO DE NATAL

AÇÃO DE NATAL: DOCUMENTO BÁSICO

I. HISTÓRICO

"Disse-lhes o Anjo: Não Temais, pois vos anuncio uma grande alegria que é para todo o povo: Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo Senhor na cidade de Davi" (Lucas 2, 10-11).

Em setembro e outubro de 1983, membros do Serviço Nacional Justiça e Não-Violência fizeram viagens de contato com os grupos pelo Norte, Nordeste e Sul do Brasil. No decorrer das viagens, surge a pergunta: O que fazer diante de tanta miséria das multidões famintas e a afronta do esbanjamento consumista de uns poucos, exatamente no momento em que se festeja o aniversário de quem ensinou: "Bem-aventurados os pobres?" Vem daí a idéia do Jejum do Natal. Vários grupos do Brasil e Exterior participaram do Jejum.

Na quaresma de 1984, 90% do povo brasileiro se manifesta pela eleição direta para Presidente da República. Surge a proposta de uma caminhada pelas Diretas-Já de São Paulo à Brasília, por 37 cidades, percorrendo 1.150 km. em 43 dias, exigindo-se a participação popular na escolha do Presidente da República. Na capital federal dois atos levaram os caminhheiros às prisões e por fim à expulsão de Brasília:

- 1) Ato de desagravo à Bandeira.
- 2) Jejum da Semana Santa em frente à catedral.

Após a expulsão de Brasília o Jejum prosseguiu na cidade de São Paulo e em outras cidades.

Na convicção de uma transformação e na tentativa de sermos fiéis aos apelos populares, lançamo-nos para o ano de 1984 a uma AÇÃO DE NATAL contra o desemprego, fome, violência e desespero para que todos tenham vida!

A idéia também é resgatar o sentido do Natal Verdadeiro. Mesmo um país pouco religioso faz parte da cultura, que Natal deveria ser o nascimento da dignidade humana, quando na realidade passou a ser nascimento da riqueza e do consumismo.

II. PRINCÍPIOS

1. Trata-se de uma Ação que exigirá reflexão, tanto religiosa quanto política das questões.

"Foi minha dedicação à Verdade que me levou ao campo político. E posso dizer, sem nenhuma hesitação que nada entendem de religião os que dizem que religião nada tem a ver com política" (Mahatma Gandhi)

2. Ação Ecumênica e fraterna, permitindo a participação de todos. Que denuncie a injustiça e provoque uma transformação social.

4. Ação Histórica e Simbólica.

"E outra vez entrou na sinagoga e estava ali um homem com uma das mãos atrofiada. E o observavam para ver se o curaria no sábado, para o acusarem. Ele disse ao homem da mão atrofiada: Levanta-te e vem aqui para o meio. E perguntou: É permitido, no dia de sábado, fazer

o bem ou fazer o mal? Salvar uma vida ou matar? Eles, porém, se calaram. Repassando então sobre eles um olhar de indignação, e entristecido pela dureza do seu coração, disse ao homem: Estende a mão. Ele estendeu e a mão voltou ao estado normal. Ao se retirarem, os fariseus com os herodianos imediatamente conspiraram contra ele sobre como o matariam" (Mc. 3, 1-6).

5. O povo oprimido deve ser o herói da Ação. Por isso é necessário o envolvimento e participação dos prejudicados (desempregados, favelados, violentados e desesperados).

6. Não ficar enfrentado somente os efeitos, mas que se busque atingir as causas.

III. DIRETRIZES

a) Ação de dimensão Nacional, Latinoamericana e Internacional.

b) Sair de lutas locais para lutas globais e conjuntas.

c) Uma ação descentralizada, mas buscando pontos comuns. As mesmas diretrizes e princípios; o mesmo cartaz; início com a Celebração do dia 2/12 - 14/12, Dia da Solidariedade aos sem-terra. Encerramento na Noite de Natal com a Ceia dos Pobres.

d) No enfrentamento dos problemas apresentados, que se procure ver os fatos concretos acompanhados de estatísticas e pistas de superação e solução dos problemas.

e) Ação que deverá ser auto-financeiada, mas que conte com a solidariedade, uma vez que os fins e os meios são justos.

f) Pensar na continuidade da Ação, uma vez que os problemas continuarão após o Natal.

IV - TRÊS DATAS E TRÊS AÇÕES PARA TODOS OS GRUPOS E PESSOAS QUE QUEIRAM PARTICIPAR.

02 DE DEZEMBRO: CELEBRAÇÃO EM PRAÇA PÚBLICA.

Neste dia todos os grupos comprometidos com a AÇÃO DE NATAL/84 estarão em praça pública congregando pessoas de boa vontade, sem qualquer discriminação, numa celebração que marcará o início de nossa AÇÃO. Cabe a cada grupo detalhar como serão as coisas. As linhas gerais terão que ser as propostas do DOCUMENTO BÁSICO. Nesta CELEBRAÇÃO deve-se denunciar o desemprego, a fome, a violência e o desespero como os 04 grandes inimigos da VIDA. Temos também que denunciar as causas e buscar os caminhos de superação. A VIDA em plenitude para todos é o grande objetivo de nossa AÇÃO DE NATAL.

14 DE DEZEMBRO: DIA DE SOLIDARIEDADE COM OS SEM-TERRA NO CAMPO E NA CIDADE.

São milhões de brasileiros que já perderam ou estão perdendo sua terra nas roças deste imenso país. São milhões que não têm um palmo de terra para morar nas cidades. Amon-toam-se nas Favelas, Alagados, Pala fitas, Mucambos, Igarapês, Cortiços, Pensões e não sabemos que quantos nomes diferentes para exprimir a mesma cruel realidade: criaturas que não têm terra para morar. Isto acontece não por vontade de Deus, mas por causa da ganância de pessoas ou grupos poderosos que tomam a terra dos pequenos. Leia na Bíblia o epi-

sódio de Davi e o general Urias. De pois vem o profeta Natã e conta para Davi a história do homem rico que roubou a ovelha do pobre para banquetear-se. (2 Sam. 12, 1-16). A história se repete. Aliás, Jesus Cristo também não teve terra nem casa para nascer.

A AÇÃO DE NATAL/84 quer exprimir esta sua solidariedade com os CRISTOS SEM TERRA através de um gesto concreto: BOICOTAR AS CASAS PERNAMBUCANAS.

Por que este BOICOTE ÀS CASAS PERNAMBUCANAS?

Resposta: CLAMOR DO POVO DE CAMUCIM

Em 1979 começou em Camucim, Pitimbu (Estado da Paraíba) a luta de 70 famílias de posseiros para ficar na terra, nos 904 hectares de onde estas famílias tiram o sustento e podem encher a barriga daqueles que moram nas cidades. Há famílias que moram lá já faz 40 anos.

O pro-alcool foi chegando com o apoio do governo e a Destilaria Tabu, do Grupo Lundgren (Dono das Casas Pernambucanas) foi engolindo terra e mais terra, embora ela já possuía 8 mil hectares e não ocupe nem a metade.

É esta ganância dos grandes, apoiada pelo governo, que faz acontecer fatos desta natureza!

24 DE DEZEMBRO: CEIA DOS POBRES DE DEUS:

Na noite do dia 24 de dezembro os grupos comprometidos com a AÇÃO DE NATAL promoverão em praça pública uma CEIA DE NATAL com todos os que são chamados POBRES DE DEUS: Mendigos de rua, menores abandonados,

prostitutas, homossexuais, famintos, desesperados, desempregados, violentados, enfim com todos os que queiram viver alguns momentos de alegria. Não a alegria do consumismo proposta por Papai Noel, mas a alegria de um encontro fraterno com o Cristo na pessoa do SER HUMANO, sem qualquer preconceito. O presépio tal qual foi concebido por Francisco de Assis, com seu fraternismo universal, caberá bem dentro do espírito da AÇÃO DE NATAL/84.

V - SUGESTÕES PARA OS GRUPOS REGIONAIS OU LOCAIS.

O que segue são apenas sugestões para quem queira fazer algo mais do que ficou assumido por todos. Deve também funcionar a criatividade de dos grupos regionais e locais. O que não se pode é fugir do objetivo fundamental: Reencontrar o aniversariante da festa de Natal, JESUS CRISTO e seu Espírito de pobreza e austeridade. Isto implica no banimento do velho Papai Noel com sua ideologia consumista. Este Menino Jesus que veio ao mundo para que todos tenham vida e tenham em abundância. Portanto, para que isto aconteça precisamos combater o desemprego, a fome, a violência e o desespero em todas as suas formas.

1. Fazer 4 ações específicas, uma em cada semana do advento:

Na primeira semana algo contra o desemprego.

Na segunda semana algo contra a fome

Na terceira semana algo contra a violência.

Na quarta semana algo contra o desespero.

A esperança de uma vida em abundância para todos deve percorrer as 4 ações.

2. Quem sabe algum grupo poderá fazer ACAMPAMENTOS nas portas de fábricas, com 3 celebrações litúrgicas ao dia para, diante de Deus e dos operários, denunciar as causas da fome e desemprego. Anunciar também as possibilidades de solução. Pedir a conversão de todos e de cada um.

3. Acampamentos e/ou intervenção junto aos lugares de concentração de bôia-frias.

4. Jejum e distribuição de panfletos nas portas dos bancos mais ligados ao FMI (Fundo Monetário Internacional), mostrando as conexões entre a fome, desemprego, violência e desespero do povo com a política assassina do FMI.

5. Fazer jejum (do alimento, da bebida, do cigarro, da televisão,

etc.) em cada sexta-feira do Advento. Fazer vigílias, caminhadas, orações.

6. Estar presente de forma solidária aos oprimidos nos lugares de luta e resistência.

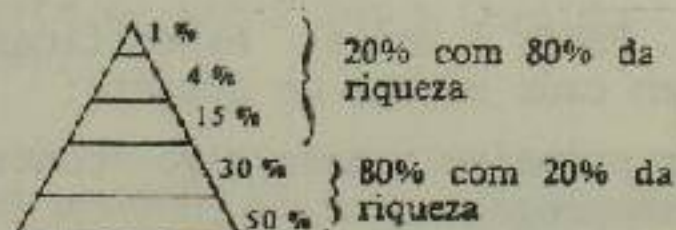
7. Não doe presentes comprados, faça-os você mesmo.

VI - LEMBRETES

§ Todos os grupos que estão participando da AÇÃO DE NATAL/84 queiram se comunicar conosco dizendo o que estão fazendo. A Central de Comunicações procurará promover o intercâmbio da criatividade e trabalho de todos.

§ Ninguém se esqueça de avaliar a AÇÃO e nos mandar suas conclusões e sugestões.

Serviço Nacional Justiça e Não-Violência.



Divisão do pão no Brasil
civilização da não-partilha

... e, por isso, aumenta a fome no Brasil

Em 1963, quase 40% dos brasileiros não tinham o suficiente para comer. Vinte anos depois, a desnutrição havia-se alastrado de tal forma que atingia 65% da população

Parcela da população que consome menos de 2.240 calorias diárias e % sobre o total da população

Período	desnutridos	% da população
1961/63	27 milhões	38
1974/75	72 milhões	67
1984*	86 milhões	65

*Dados do Centro de Estudos de Fome e Nutrição - Instituto de Planejamento Econômico e Social (CENEP)

MANIFESTO DE APOIO AOS AGRICULTORES ACAMPADOS NA ESTRADA FORTALEZA - RS

No dia 15 de outubro, uma caravana se dirigiu ao município de Erval Seco - RS, onde estão acampados cerca de 100 (cem) famílias de agricultores sem terra, num total de 700 pessoas. São uma parte das 140.000 famílias de agricultores sem terra no Rio Grande do Sul e das milhões no país. Após algumas tentativas frustradas de conseguir terra junto ao Governo do Estado, no último dia 27 de agosto, decidiram ocupar uma área quase totalmente ociosa da Estação Experimental Fitotécnica da Secretaria da Agricultura do Estado em Santo Augusto. Logo no dia seguinte foram violentamente despejados pelo Batalhão da Polícia Militar de Três Passos. A resistência pacífica, esboçada pelas mulheres e crianças, foi brutalmente respondida pela polícia com agressões físicas. Parte dos pertences foi destruída e o resto, carregado em caminhões, junto com as famílias foi dispersado por diversos municípios da região. A intimidação violenta da polícia, no entanto, não deu os frutos esperados. As famílias se reorganizaram e agora continuam sua luta do acampamento da Estrada Fortaleza, alojados em barracas à beira da estrada, numa área de 3 hectares cedidos por um particular.

Passamos um dia com os acampados. Ouvimos a respeito de sua luta por um pedaço de terra para plantar, num Estado que possui 14 milhões de hectares passíveis de desapropriação para fins de reforma agrária, segundo as diretrizes do Estatuto da Terra, 3 milhões dos

quais totalmente improdutivos. Ouvimos a respeito de sua luta por uma sociedade mais justa e fraterna, a respeito de sua vocação para o trabalho com a terra, a respeito da repressão e descaso com que são tratados, a respeito de sua confiança na força do povo unido e organizado, a respeito de sua esperança, que milagrosamente cresce em meio a sua miséria.

Como fruto desta convivência, manifestamos o seguinte:

1. Afirmamos nossa fé de que a terra é propriedade de Deus e está destinada como empréstimo a quem dela precisa para trabalhar e viver.
2. Condenamos e repudiamos a política econômica, agrícola e agrária do governo brasileiro, que privilegia a grande empresa agrícola em detrimento dos pequenos agricultores.
3. Manifestamos nosso apoio e solidariedade às famílias dos acampados de Estrada Fortaleza. Entendemos que sua reivindicação por terra em nosso Estado é justa, e que sua forma de organização é um exemplo para o nosso povo explorado, sofrido e marginalizado das decisões e do processo político-econômico em curso.
4. Conclamamos a população a solidarizar-se com os acampados, informando-se sobre sua luta, divulgando o acontecimento, exercendo pressão sobre as autoridades competentes, organizando campanhas de alimento e roupas. A luta dos acampados é

parte da luta popular por justiça, trabalho, pão, liberdade e participação.

5. Conclamamos as lideranças políticas, sindicais e comunitárias a se empenhar pela causa dos colonos sem terra, para fazer justiça a sua qualidade de representantes das aspirações e necessidades do povo.

6. Exigimos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul que providencie o imediato assentamento das famílias acampadas em terras no Estado do Rio Grande do Sul. Os acampados não querem a terra de graça. Querem ter acesso a ela para pagá-la com o seu trabalho.

Associam-se a este manifesto os integrantes da caravana:

- Estudantes da Faculdade de Teologia Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

- Estudantes do Instituto Superior de Catequese e Estudos Teológicos da IECLB.

- Pastores da IECLB.

- Lideranças comunitárias da IECLB e Igreja Católica em São Leopoldo, Novo Hamburgo, Campo Bom, Sapiranga

- Movimento Justiça e Não-Violência de São Leopoldo e Alvorada.

- Representação do Centro Ecumênico de Documentação e Informação com sede no Rio de Janeiro.

- Representação do Distrito Eclesiástico Porto Alegre (IECLB).

- Centro de Evangelização e Catequese da Diocese de Novo Hamburgo.

- Coordenação do Ensino Religioso no Distrito Eclesiástico São Leopoldo (IECLB).

PRÓ-ALCOOL: PROGRESSO E DESENVOLVIMENTO ???

Não se justifica um progresso que vem beneficiar os grandes e prejudicar o bem-estar de toda a comunidade.

No Extremo Sul da Bahia vive mais de um milhão de pessoas; 12 usinas de álcool estão projetadas para esta região.

É necessário um brado de alerta contra a implantação desses projetos!

Já são conhecidos os vergonhosos crimes causados pelo pró-álcool, aos nossos rios e mares.

. Em Santa Cruz de Cadrália, a EMBAUBA já mostrou suas consequências mortíferas contra o rio, acabando com peixes, causando doenças de pele no povo, aumentando a fome na comunidade, obrigando os trabalhadores da beira do rio a abandonarem suas terras.

. A AGROVALE, em março deste ano, jogou 35 milhões de litros de vinho to no rio São Francisco, poluindo 100 km e matando 300 mil kilos de peixes.



. Em São Paulo sabe-se de vários casos semelhantes.

. Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio de Janeiro, Pantanal do Mato Grosso e outros estados vêm sofrendo os horrores causados pelos derivados da cana.

- Podemos ficar calados quando esses perigos se aproximam de nós?

- Perguntamos: a instalação dessas usinas vai de fato resolver os problemas e preocupações dos trabalhadores desempregados?

- Já pensamos que a força de trabalho nessas usinas é só na época da safra que é de 6 meses? E depois da safra?

Já é sabido que logo as máquinas vão substituir os trabalhadores.

- Que salário vão nos oferecer?

- E as autoridades eleitas pelo povo, também estão preocupadas com os prejuízos que virão à nossa região?

"Basta de misérias! Não queremos morrer para aumentar a riqueza de poucos e das multinacionais."

GRITO DE ALERTA

Pescadores - Lavradores-Jovens-Donas de Casa - Enfim, todo povo do Extremo Sul da Bahia!

Nossa terra vai virar um mar de caba; cuidado para não entrar pelo cano. Abram os olhos para esta miséria que está chegando em nossa região.

O Pró-Alcool está aí para enriquecer mais ainda os grandes. É a Besta Fera que vai aumentar a miséria em que vivemos.

"Não se iludam! Pró-Alcool não é coisa boa!"

Vejamos as 7 pragas do Pró-Alcool:

1. Incentivo à monocultura: Plantando só a cana faltarão os alimentos. A fome vai aumentar.

2. Aumento do custo de vida: Feijão, arroz, farinha e outros alimentos vão ficando cada vez mais caros.

3. Contra a Reforma Agrária: As terras já estão ocupadas pela Flonibra e outras firmas; A Teíxntcool está ficando com o que sobra.

4. Aumento do desemprego: Os pescadores vão desaparecer com a poluição dos rios e mares; os trabalhadores rurais vão ficar sem terra; vão virar Bóias-Frias e Favelados, sem segurança de trabalho.

5. Morte dos rios, Mares, peixes, pitus, camarões, caranguejos: Por causa da poluição, causando novos tipos de doenças para o povo.

6. Mais dívida para o Brasil: O dinheiro é emprestado aos grandes e o povo é quem vai pagar, recebendo salários de miséria.

7. Política discriminatória e injusta: Porque os pequenos e médios produtores não podem pegar desta verba.

"Povo consciente e organizado não será escravizado!"

Trabalhadores de Teixeira de Freitas e Alcobaça.

DESARMAMENTO

A SEMANA DO DESARMAMENTO

Hoje ainda existem pessoas que consideram as atividades armamentistas como geradoras de empregos. Ainda existem pessoas que acreditam ser possível promover a libertação dos povos através das armas. Tristes exemplos de libertação temos em intervenções armadas na Nicarágua de um lado e no Afeganistão de outro.

Não podemos esquecer também que as armas que são fabricadas sob a justificativa de "Defesa Nacional", são traficadas e comercializadas para levar morte a outras nações. Onde está esta consciência? Ou deveremos praticar uma absurda "Ética da morte", silenciando nas palavras e a seguir no pensamento?

Nós entendemos que a segurança da humanidade está relacionada com a possibilidade de uma vida digna para todos e não com um impossível equilíbrio baseado no domínio do terror e na capacidade de destruição. Hoje, no mundo, a corrida armamentista não precisa disparar um só tiro sequer para matar pessoas. Ela mata de fome mesmo.

Apresentamos a seguir dados fornecidos pela O.N.U. que mostram essa situação:

- 20% dos cientistas de todo o mundo, dedicam o seu tempo de trabalho e seu talento ao aperfeiçoamento das técnicas para matar seres humanos.

- As armas nucleares existentes no mundo equivalem a um poderio, que daria para eliminar a vida sobre a terra cerca de 100 vezes.

- É gasto por ano na formação de um soldado 60 vezes mais do que o necessário para educar uma criança, a vida toda.

- Os gastos militares no mundo são da ordem de 1,3 milhões de dólares por minuto! Nesse minuto 30 crianças morrem desnutridas nos países pobres.

- A corrida armamentista não é privilégio de potências como EUA, URSS, CHINA, INGLATERRA e FRANÇA. A Índia e outros países do 3º mundo também possuem artefatos nucleares. O Brasil é o 5º exportador mundial de armas e o 1º no terceiro mundo. Na América Latina a Argentina e o Brasil declaram seus planos de construção de artefatos bélicos nucleares.

Não devemos ser ufanistas por estarmos sendo obrigados a participar dessa corrida suicida que não escolhemos, mas pagamos. E sim, lutar efetivamente contra toda a política armamentista, não só contra a fabricação e instalação de armas por este ou aquele país, mas contra a fabricação de qualquer artefato bélico. Lutar não só contra os milhares de cientistas e técnicos que pagamos para que trabalhem aprimorando a indústria da morte, mas contra o serviço militar obrigatório, em qualquer lugar do mundo, para que os jovens tenham a chance de servir aos seus países e à humanidade de maneira construtiva e produtiva e não recebendo treinamento para matar seres humanos.



Em resumo, aqueles que hoje dizem que a produção de armamentos é útil para gerar empregos deviam estar conjugando seus esforços no sentido de converter essa indústria, e todo o imenso potencial produtivo desperdiçado em atividades militares, para a produção de alimentos e bens que possam realmente servir ao bem estar da humanidade.

Hoje, mais do que nunca, reafirmamos nosso propósito de lutar pela transformação da indústria da morte na indústria da vida.

Não queremos ver o nosso Vale do Paraíba, por exemplo, dedicando boa parte de sua força produtiva na pesquisa e fabricação de armamentos convencionais ou nucleares que vão servir a guerras em várias partes do planeta.

Não queremos ver a nossa dívida externa ser cada vez mais ampliada nossos recursos naturais mal utilizados, o nosso meio ambiente agredido e as nossas populações ameaça-

dado e as nossas populações ameaçadas pelo programa nuclear brasileiro. Não precisamos de tecnologia para fazer bombas, mas para fazer comida.

Não queremos ver os nossos recursos naturais usados em produtos que não promovem o bem estar da humanidade, mas a violência, a miséria e a morte. Não queremos ver o nosso meio ambiente agredido dessa maneira e a nossa gente passando fome.

Somos contra a violência, método logia do sistema, e a favor da não violência-ativa que é a metodologia do pacifismo. Entendemos que o pacifismo é uma luta social e uma postura interior individual. Assim sendo, a paz só será conseguida com a participação e a conscientização de cada pessoa.

Entidades Ecológicas, Pacifistas e Não-Violentas.

PELA VIDA - PELA PAZ

Fonte: Revista Vozes - 30.06/82	Fragata		= 83 333	casas populares	
	Carro leve Urutu		= 1 milhão	litros de leite	
	Missil Roland		= 15 escolas	rurais	
	Missil Exocet		= 2 quilômetros de	estrada asfaltada	
	Avião Mirage		= 11 hospitais	(bem equipados) de 70 leitos	

DESARMAR O MUNDO
PARA ALIMENTAR OS POVOS

ALVORADA-RS

REFLEXÕES DO GRUPO JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA DE ALVORADA

O Grupo de Justiça e Não-Violência se propõe a trabalhar também em função da criança, que nada mais é do que um oprimido pela sociedade capitalista em que estamos vivendo, já que a mesma lhe tira o direito de alimentar-se, estudar, vestir-se tornando-o um desajustado, revoltado contra tudo e contra todos, transformando-o mais tarde em mais um escravo. Um escravo do sistema de ditadura em que estamos vivendo há 20 anos. Não lhe dando o direito de ter uma infância normal, de uma infância com esperanças de um futuro melhor, simplesmente proporcionando-lhe tristezas e amarguras.

E nós perguntamos, até quando o povo brasileiro terá condições de suportar isso? Até quando? Até quando marginalizarão as nossas crianças? Nós deixamos essas perguntas para que todos reflitam e esperemos que cada um tome uma posição. Mas não demorem muito, porque depois talvez seja tarde demais.

(Glaci Schneider)

A opção de lutas em Alvorada pelo Grupo Justiça e Não-Violência se faz através do apoio a todas as entidades que venham lutar em benefício deste povo oprimido e se dê em pequenos auxílios financeiros, quando possível e também através de trabalhos convergente nos objetivos da luta.

A luta da Não-Violência não é somente um combate a "violência armada" como muitos entendem. Mas se dá tanto a nível nacional e internacional na luta pela paz no mundo. E principalmente na luta contra os opressores dos oprimidos. Opressores estrangeiros que sugam o nosso país através dos opressores inter-

nos que nos oprimem por diversas formas. Esta opressão se dá por uma recessão econômica, que nos tiram o direito ao trabalho, ou nos tiram o direito de educar nossos filhos com dignidade, que se não forem educados serão amanhã os menores abandonados que aparecem todo dia.

(José Schneider)

O Grupo Justiça e Não-Violência de Alvorada, dentro dos princípios e objetivos estabelecidos na última Assembleia Nacional, busca sempre identificar-se com as lutas populares que o povo oprimido deste município trava, exigindo assim, a sua participação econômica, política e social na sua terra.

Estamos conscientes que a resposta, a prática, os pensamentos, a conduta, sempre estão predispostos à violência. É o próprio sistema de vida que vivemos que nos emotiva e impele à prática da violência. Ela tanto se faz presente nas relações familiares ou do trabalho ou qualquer outra. A classe opressora utiliza-se da violência para manter sua dominação sobre os oprimidos, como ao mesmo tempo, também os convida a revidar com violência justificando assim o emprego, por parte desta, de todos meios possíveis de repressão.

A Não-Violência, seja encarada como ferramenta, método ou de outro modo, pertencerá sempre originalmente aos oprimidos. Os opressores podem tentar utilizá-la como método numa determinada situação, buscando assim, atingir seus objetivos de exploração. Contudo a natureza de uma ação não-violenta e sua prática logo denunciaria seus usuários mal intencionados.

(Jesus F.L. Santos).

OS "QUEIXADAS"

PERUS E A LUTA DOS "QUEIXADAS"

A nossa resistência foi marcada historicamente pelo enfrentamento com toda sorte de repressão. A história da "Perus" é viva e carregada de combate. Inquéritos policiais e intervenções no Sindicato (num total de 6 anos), prisões de todo tipo, não desanimaram os "Queixadas" (os operários da "Perus" ganharam esse apelido em 1958, por atuarem em conjunto contra os desmandos do patrão-deputado, como os queixadas, animais que vivem no mato, lutam em manadas contra o seu inimigo - o caçador ou a onça).

O primeiro teste decisivo da "Perus" foi a greve de 46 dias, em 1958, que prosseguiu mesmo após julgamento no Tribunal. Enquanto as outras categorias conseguiram um reajuste de 30%, os "Queixadas" alcançaram 40%, bem como o pagamento de todos os dias de greve (acertariam 30% se o preço do cimento não aumentasse além do necessário para cobrir o reajuste de salário).

Em 1962, os "Queixadas" enfrentaram a mais longa greve na "Perus" - 7 anos. Venceram (veja o livro "A Força da Não-Violência - A FIRMEZA PERMANENTE"-Ed. Loyola).

Mas, os desmandos e fraudes praticados pelo Grupo J.J. Abdalla, que não queria pagar os salários dos 7 anos de greve, levaram o Governo Federal a confiscar a fábrica de cimento; ao mesmo tempo, o Governo determinou a segunda intervenção no Sindicato dos Trabalhadores, a qual perdurou por 4 anos, indiciando companheiros na Lei de

Segurança Nacional. Mesmo com a intervenção sindical, os trabalhadores denunciaram o confisco "fajuto", porque o Governo Federal deixou as pedreiras de Cajamar nas mãos de Abdalla, que passou a vender a pedra para o Governo fabricar cimento...

Após 8 anos de confisco, com a Administração Federal deficiente, sem extinguir a poluição da fábrica, insensível às gestões dos trabalhadores, o acervo da "Perus" foi colocada em concorrência pública por cerca de 800 milhões de cruzeiros.

O cartel do cimento convencionou que ninguém apresentaria proposta à concorrência pública (cartel é um entendimento "mafioso" entre empresas, para distribuírem entre si mercados e determinarem preços). Mas, Antonio J. Abdalla e seu filho, antigos donos da "Perus", associaram-se a seu parente Sérgio Stefano Chohfi (HASPA), formando um consórcio que acabou ficando com o acervo da "Perus", porque foram os únicos a apresentar uma proposta de compra, a prazo. A dívida continua em aberto, representando hoje 4 bilhões de cruzeiros à Fazenda Nacional.

Os "novos donos" da "Perus" anunciaram uma fábrica nova, mas ocorreu exatamente o contrário: desativaram as pedreiras de Cajamar e, num arranjo com a Cimento Santa Rita, multinacional italiana com 7 empresas no Brasil, esta passou a fornecer a matéria-prima calcinada

(clinker) para a moagem do cimento Perus. Mais 250 empregados foram dispensados. O Prefeito de Cajamar, Aristides Oliveira Ribas de Andrade, evitou o despejo dos despedidos declarando de utilidade pública 294 casas (Decreto nº 1.189, de 5 de dezembro de 1985; veja o livro "Perus" - Os "Queixadas" resistem às artimanhas do grupo Chohfi-Abdalla em Cajamar).

ALERTA

Faz 4 semanas que os trabalhadores da "Perus" estiveram com o Governador Franco Montoro, para denunciar o impasse criado na Cimento Perus, cuja moagem de cimento se encontra suspensa há exatamente 5 meses. O fechamento das pedreiras em Cajamar deixou a "Perus" na dependência do fornecimento da matéria prima pela Cimento Santa Rita (Agrícola, Industriale, Finanziaria Armatoriale Holding S.A.). Esta empresa, interessada na compra da "Perus" e das 11 jazidas em Cajamar - as mais ricas e próximas de São Paulo - após "dar corda" à "Perus", interrompeu o fornecimento da matéria-prima, alegando falta de pagamento, ocasionando a paralização da empresa.

O Governador, diante das reivindicações e denúncias dos trabalhadores, determinou a constituição de uma Comissão, sob a coordenação do Presidente do BANESPA - órgão encarregado de avaliar a transação para concluir da viabilidade da desapropriação dos bens da "Perus": as pedreiras, com 320 alqueires de terras e eucaliptos, bem como a fábrica. Esta Comissão até hoje não foi constituída!

NÓS INSISTIMOS EM DOIS PONTOS:

1º) A garantia de emprego é a constante no Acordo Coletivo de 11/09/84, que diz: 'Tendo em vista a garantia de emprego anteriormente referida no item '1' do presente acordo, a dispensa poderá ocorrer: a) Quando do cometimento de falta grave, mediada pelo Sindicato; b) Quando da extinção da função exercida pelo dispensado, se não for possível seu aproveitamento em outra função, com mediação do Sindicato (item 6).

2º) Esclarecemos ser necessário o fornecimento de 20 mil toneladas de "clinker", como consta do Acordo Coletivo firmado pela "Perus" e o Sindicato, em 11/09/84; essa quantidade mínima - 20 mil toneladas - foi também consignada em acordo firmado no dia 21/09/84, tendo de um lado todas as fábricas de cimento formadoras do cartel, lideradas pela "Santa Rita", e de outro o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Cimento, Cal e Gesso de São Paulo, assistidos pela Federação dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário, na pessoa de seu Presidente José Sebastião dos Santos. Mas o Cartel não deixou a "Santa Rita" fornecer as 20 mil toneladas de "clinker". Temos documentação comprovando o propósito de desativação da "Perus" e do estrangulamento dos "Queixadas".

AUTOGESTÃO E CARTEL.

CIMENTO A PREÇO JUSTO.

Nesta ocasião, queremos insistir na grande oportunidade que o Governo de São Paulo tem, atendendo às reivindicações dos trabalhadores, de retomar o propósito de



desapropriação do acervo da "Perus" tal como em 1962 foi liderado pelo saudoso Queirós Filho, Secretário da Justiça, e acolhido pelo saudoso desembargador Sylos Cintra, Governador em exercício, com base nos pareceres lavrados em 1958 e 1962 pelos professores José Horácio Meirelles Teixeira, Rubens Limongi França, Luiz José de Mesquita e San Thiago Dantas.

Nestes 22 anos, as experiências autogestionárias realizadas com seriedade em todo o mundo, mostraram a sua eficácia no campo da produtividade, com relacionamento humano harmonioso, provando que existem alternativas ao capitalismo. No caso presente, a "Perus" seria o embrião, ainda que um tanto modesto, que pode nos levar à autogestão.

A sociedade de economia mista a ser constituída, terá a função de controlar o preço do cimento, enfrentando o cartel. A sociedade, a ser constituída em capital aberto, só aceitará como acionistas organizações de assalariados, cooperativas, sociedades de bairro, sindicatos, prefeituras, mutirões para construção de casa própria, garantindo-se a todos os acionistas um preço justo do cimento, o que há muitos anos não existe no Brasil, porque o cartel distribui as cotas de venda, fixa o preço e, além disso, recebe "por fora" cerca de 20% do valor do saco vendido, pela emissão de uma nota de transporte que é falsa, porque geralmente o comprador é obrigado a ir buscar o cimento na fábrica. A este propósito assumimos o compromisso, com a ajuda da comunidade nacional, de apresentar denúncia fundamentada ao Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Lei nº 4137 de 10/9/62).

Aceitamos o desafio de, num tempo a ser fixado, conseguir êxito nessa experiência autogestionária; caso contrário, devolveremos a fábrica de cimento "Perus" ao setor privado.

Insistimos em que, com a desapropriação para formação de uma sociedade autogestionária, o Governo Estadual desembolsará entre 1/5 e 1/6 do que emprestaria para a multinacional "Santa Rita" comprar a "Perus" e fortalecer o cartel.

Independentemente da mediação do BANESPA, insistimos na necessidade inadiável da constituição da Comissão prometida pelo Governador Montoro, para examinar a proposta alternativa, dela devendo fazer parte o Senhor Secretário da Justiça, José Carlos Dias, o Secretário do Planejamento, José Serra, o Instituto ou Sindicato de Engenharia, o professor Fábio Konder Comparato e este Sindicato.

Finalizando afirmamos, com determinação, que enquanto a Comissão não concluir os seus estudos, manteremos pacífico grupo de trabalhadores defronte as sedes do BANESPA na Praça Antonio Prado e na Praça do Patriarca, bem como nos prepararemos para um jejum público de resistência não-violenta.

"A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA"

Os "Queixadas".

"UNIDOS CONSEGUIMOS O QUE ESTÁ NA LEI E UM POUCO MAIS, UNIDOS MUDAMOS A LEI QUE RECONHEÇA OS DIREITOS DE TODOS OS HOMENS - COM BASE NO DIREITO NATURAL".

TEIXEIRA DE FREITAS - BAHIA

Acabei de chegar e estou me integrando de novo. Com Maria tomei conhecimento dos trabalhos do movimento nos últimos meses. Li o relatório do Encontro de julho e as propostas das regiões.

Aqui em Teixeira estamos frente a uma nova realidade. Dentro da igreja o novo bispo que agora mora em Teixeira e os novos vigários que traçaram uma linha de pastoral diferente, mais amarrada. Isto quer dizer que a minha liberdade de ação está bastante limitada, dentro de Teixeira de Freitas. Nem por isso não deixo de lutar pelo espaço que me cabe com e pela Não-Violência. Maria é uma ótima companheira.

A outra realidade nova é o projeto de implantação de 12 usinas de álcool na nossa região, isto é, dentro de nossa diocese, de Porto Seguro até Uncuri. Todos eles a beira dos nossos rios que correm para o mar. Em Teixeira mesmo vamos ter uma, tomando ao todo 8.000 hectares de terra para o plantio de cana, enganando para isso os pequenos proprietários ou impressionando-os com ameaças para vender suas terras. Está indo muita gente embora para Rondônia.

Começamos a luta e estamos reunindo forças. No dia 4/11 vamos fazer uma grande assembléia para daí escolher uma comissão que encabeça a luta. A luta vai ser muito grande e sabemos perfeitamente que bem provavelmente não vamos ter sucesso. A maioria da Câmara Municipal está a favor da implantação porque "vai trazer muito progresso" para a região. Nem por isso a gente vai deixar de tentar impedir, estamos frente a 33 acionistas, os mais ricos e poderosos da região, cujos nomes estou investigando agora.

O projeto é com verbas federais e recursos próprios, aqui perto já começaram a plantação e a cana já está nascendo.

Os perigos que a população pode esperar podem ver nos panfletos que estou mandando junto.

Este problema vai incluir os 4 pontos que vocês sugerem para refletir:

DESEMPREGO: Muita gente vai ter que deixar suas terras e o número de biscates, bóias-frias, desempregados vai aumentar. Além do mais o projeto dá trabalho só no plantio e na colheita no que se calcula 6 meses. E o resto do tempo vão trabalhar onde?

FOME: Não vai sobrar muita terra para plantar alimento, de cana e de eucalipto que já temos ninguém pode viver. Com o salário miserável que vão ganhar (aqui é costume nunca pagar nem o salário mínimo) não vai dar para comprar alimentos que vem mais caro de fora.

DESESPERO: Com a saída do campo aumenta o sofrimento, sabemos que a entrega de terras não vai acontecer sem derramar sangue. Com meio emprego, com o trabalho braçal muito duro e ardente e com o aumento de doenças que a poluição traz, vai chegar mais desespero.

VIOLÊNCIA: O que está no jogo é a vida da natureza, da terra, das águas, dos peixes e do homem. Este projeto é diabólico, violento e traz violências. Toda a vida está em jogo.



Hoje reunimos, alguns membros da Não-Violência, a maioria não pôde comparecer, mas deram para a gente o voto de confiança de concordar com o que se decide. Discutimos sobre as sugestões para uma Ação de Natal e chegamos a conclusão que a nossa só pode ser em torno deste problema que se levanta frente ao povo daqui e que devemos colocar todas nossas forças nesta luta e achamos que vocês podiam incluir no documento este problema do Brasil todo, de fazer projetos gigantescos que levam o povo brasileiro à morte. Além do mais angustia o mundo inteiro. Estive em vários países da Europa e assisti a preocupação, o medo que existe em todos por causa das consequências da poluição pelas indústrias, excesso de carros, de chuvas ácidas que estão matando as florestas em grande quantidade. O grande número de

crianças que nasce com doenças antes nunca vistas e que os médicos julgam ser motivo de poluição de águas, etc.

Pedimos que vocês se solidarizem conosco na luta contra as Usinas e pedimos que divulguem também este pedido para os outros grupos. É bom que o nosso grupo receba cartas de apoio.

Podem mandar para a gente e encabeçar aos Trabalhadores de Teixeira de Freitas e Alcobaga... Companheiros de luta, e também à Câmara Municipal de Vereadores, cobrando posicionamento em favor do povo e contra a implantação das Usinas: Câmara de Vereadores - Centro Administrativo - 45.990 - Teixeira de Freitas - Bahia.

Da turma daqui os abraços para vocês e vai também o meu.

Verônica Lind

SANTOS - SÃO PAULO

Ao Serviço Nacional Justiça e Não-Violência.

Somos membros da Comissão Regional da Orla, da Pastoral da Juventude, Diocese de Santos.

A notícia sobre a "Ação de Natal: Para que todos tenham vida; contra o desemprego, a fome, o desespero e a violência" (publicada no jornal O São Paulo nº 1.480 de 24 a 30 de agosto de 1984) nos interessou muito, despertando em nós a vontade de um possível engajamento, pois a juventude é certamente uma das maiores vítimas do consumismo e do desvirtuamento do verdadeiro sentido do Natal, e também do desemprego, da fome, do desespero e da violência.

Em vista disso gostaríamos de obter maiores informações sobre a Ação de Natal... e se o Serviço Nacional Justiça e Não-Violência tem alguma unidade aqui na Diocese de Santos, com a qual possamos ter contato? Pedimos que se possível vocês nos mandem uma carta. O endereço para a correspondência é: Av. Bernadino de Campos, 232 - 11.100 - Santos São Paulo: A/C. de Ricardo Costa Calvanese.

Atenciosamente

Comissão Regional da Orla-Pastoral da Juventude - 10-09-84.

Ricardo Costa Calvanese

Neste número:

EDITORIAL

Metodologia da luta cristã ou Metodologia da cruz.....
Página 3 a 5

NÃO-VIOÊNCIA

A Não-Violência-Ativa e Revolucionária.....
Página 6 a 8

AÇÃO DE NATAL

Ação de Natal - Documento Básico.....
Página 9 a 12

TERRA

Manifesto de apoio aos agricultores acampados na Estrada Portale-
za - RS - Pró-Alcool: Progresso e Desenvolvimento??? Grito de
Alerta.....
Página 13 a 15

DESARMAMENTO

A Semana do Desarmamento.....
Página 16 e 17

ALVORADA - RS

Reflexões do Grupo Justiça e Não-Violência de Alvorada-RS.....
Página 18

OS QUEIXADAS

Perus e a luta dos "Queixadas".....
Página 19 a 21

CARTAS

Teixeira de Freitas-BA e Santos-SP.....
Página 22 e 23